

	TALIBAN طالبان SIGNIFICADO: ESTUDANTES	
BANDEIRA 	ÁREA DE ATUAÇÃO AFEGANISTÃO E PAQUISTÃO	IDEOLOGIA SALAFISMO
ATIVIDADE 1994 – HOJE	OBJETIVO IMPOR UM ESTADO TEOCRÁTICO NO AFEGANISTÃO, SEGUINDO À RISCA UMA INTERPRETAÇÃO RADICAL DA SHARIA, A LEI ISLÂMICA.	
MEMBROS 12.000		
MORTES ATRIBUÍDAS >15.000*	ATENTADO MAIS PROMINENTE 157 mortos, a maioria crianças e adolescentes, em uma escola de Peshawar, no Paquistão, em 2014.	

*A GUERRA NO AFEGANISTÃO MATOU MAIS DE 20 MIL CIVIS DESDE 2001. O TALIBAN, QUE DEU A CASAS BELLE AOS EUA POR ABRIJAR A AL-QAEDA, FOI RESPONSÁVEL POR PELO MENOS 75% DAS MORTES NO CONFRONTO.

TALIBAN: O RETORNO

Saída dos americanos permitiu a volta dos extremistas afegãos. E agora eles lutam para retomar o governo do país.

TEXTO
DIMALICE NUNES

ERAM 9H30 DA MANHÃ quando um grupo de quatro atiradores interrompeu as aulas e acordou rudemente os estudantes nos dormitórios da Universidade Bacha Khan, em Charsadda, nordeste do Paquistão. Vinte estudantes são mortos. O campus se preparava para uma homenagem pelo aniversário da morte de Khan Abdul Chaffar Khan (1890-1988), que dá nome à universidade e fundou um partido político liberal, o Partido Nacional Awami, que se opõe ao Taliban.

O atentado de 20 de janeiro de 2016 emulava outro de um ano antes, no qual mais de 150 pessoas foram mortas, a maioria crianças e adolescentes, numa ação similar contra uma escola pública para filhos de militares em Peshawar, no noroeste do Paquistão. Outras 120 ficaram feridas. À explosão de um carro-bomba, seguiu-se a execução a tiros de estudantes, por um grupo de seis insurgentes. O ataque foi interpretado como vingança pela captura de combatentes pela força de segurança do país.

O Taliban voltou a ser forte. O grupo extremista islâmico – que governou o Afeganistão de 1994 até

a invasão norte-americana em 2001 – ressurgiu após a retirada das tropas dos Estados Unidos e da Otan, em 2014. Hoje, está presente na maioria das 34 províncias do Afeganistão e tem sob seu domínio a maior extensão territorial desde a queda. No Paquistão, opera sob o nome Tehreek Taliban Pakistan (TTP), que domina as áreas tribais do Waziristão, região semiautônoma do país.

Nascido para resistir à imposição do comunismo secular pela então União Soviética, o grupo ressurgiu assim que os ianques se foram, confiantes no governo afegão que haviam instalado. Governo esse que se mostrou impotente em resistir. Os americanos tinham feito um trabalho pela metade. Como explica Bernardo Wahl, especialista em segurança internacional e professor de relações internacionais da Fesp-SP e da



2013. Os atentados deixaram ainda 3.310 feridos. Em 2014 houve atos terroristas em 515 cidades diferentes no Afeganistão. Em suas incursões para a tomada de território, o Taliban entra em confronto direto com as tropas do governo afegão, o que resultou em 15.675 mortes em combate em 2014.

A partir de 2014, houve também uma mudança no modo de atuar do grupo, com o aumento dos atentados contra a polícia afegã. Cresceu ainda a letalidade dos ataques suicidas, que tiveram alvos como a organização humanitária americana *Roots of Peace* ("Raízes da Paz"), a Comissão Eleitoral Independente, o *New Kabul Bank*, onde os soldados afegãos recebem seus salários, e a ONG *Partnership in Academics and Development* ("Parceria na Academia e Desenvolvimento").

O renascimento tem outros motivos além da saída dos americanos: a morte do líder Mohammed Omar, aos 63 anos. Considerado um dos mais influentes jihadistas do mundo, ele liderou a luta para estabelecer o Taliban como a principal força política e militar no Afeganistão na década de 1990 e conduziu a insurgência contra as tropas lideradas pelos EUA no pós-2001. Com sua morte em 2013, foi sucedido pelo mulá Akhtar Mohammad Mansour, 18 anos mais jovem. Isso deu novo fôlego ao grupo.

Também existe o fator dinheiro. Uma nova fronteira de financiamento foi anunciada recentemente, quando o Taliban propôs às operadoras de telefonia móvel do Afeganistão uma taxa de proteção. Em troca do imposto, o grupo se comprometeu a não atacar a infraestrutura das empresas. O valor seria o mesmo pago por elas ao governo afegão. O faturamento total do grupo, incluindo outras taxas e extorções, fica na casa das dezenas de milhões de dólares por mês.

CRIME E CASTIGO

Eles contam com mais um trunfo: o medo paralisante ou a colaboração voluntária de uma população que não vê motivos para confiar no Estado.

FMU: "O Taliban foi expulso do poder, mas nunca derrotado de forma decisiva, mesmo após a invasão norte-americana e 13 anos de combate."

os dois países. A sangrenta guerra civil se estendeu até a saída dos soviéticos, em 1989. O vácuo de poder foi a deixa para o Taliban avançar, conquistar a capital, Kabul, e criar um Estado baseado em sua interpretação particular da sharia.

O Taliban tem uma ação estritamente local. Quer derrubar o governo e assumir a cadeia. Não tem gosto por grandes atentados midiáticos, voltados aos olhos do Ocidente, como a Al-Qaeda e o Estado Islâmico.

O renascimento da violência talibã pode ser medido em números. Segundo a última edição do *Global Terrorism Index* (veja mais na página 8), 2014 foi o ano mais violento no Afeganistão desde a queda em 2001. Foram 3.477 mortos em 891 ataques, um aumento de 38% e 48%, respectivamente, em relação a

Soldados do Exército do Afeganistão diante das ruínas do Palácio de Darul Aman, em Kabul.

AMIGOS DO TIO SAM

Para entender o Taliban é preciso voltar no tempo, ao final dos anos 1970, quando a União Soviética invadiu o país para defender a recém-formada República Democrática do Afeganistão, criada num golpe comunista em 1978. A resistência anticomunista, na forma de guerrilha, era formada pelos chamados mujahidin, ou "santos guerreiros". Num contexto de Guerra Fria, esses grupos eram secretamente patrocinados pelos EUA e pela Arábia Saudita, por meio do Paquistão, que canalizava armamentos, dinheiro e treinamento.

Os sauditas colaboraram com um detalhe então ignorado pelos americanos: as madrassas, escolas de doutrinação islâmica radical. Das madrassas saíram os estudantes, ou "talibã" em *pashtun*, língua falada na fronteira entre

O domínio talibã no Afeganistão dos anos 1990 banuiu televisão, fotografia, música e a prática de esportes. Os homens passaram a ser obrigados a manter barbas longas e as mulheres, forçadas a vestir burca – um hábito até então exclusivo de áreas tribais isoladas. Na capital, todo mundo andava com os cabelos à mostra. Elas também foram proibidas de estudar e trabalhar. Práticas punitivas extremas, da época de Maomé, foram restabelecidas. Elas incluíam a amputação das mãos para ladrões e morte por apedrejamento para quem cometesse adultério.

O Taliban Pakistan, que domina a fronteira entre Afeganistão e Paquistão, retomou essa doutrina. Eles impuseram o uso de túnicas e calças largas no lugar de roupas ocidentais. Os comerciantes que venderem jeans e camisetas estão sob ameaça de "fechamento". Assim como os barbeiros que fizerem cortes inadequados.

O PREÇO DA PAZ

Saber o que acontecerá daqui para frente no Afeganistão e Paquistão depende muito do equilíbrio de forças dentro do próprio grupo. Para Paulo Pereira, coordenador do curso de Relações Internacionais da PUC-SP, há indícios de estabilização, de uma aglutinação do poder em torno do novo líder. Mas, justamente em função disso, a tendência é que os conflitos aumentem, ainda que exista a possibilidade de um processo de cessar-fogo diante das reuniões de conciliação entre Afeganistão e Taliban, mediadas pelos EUA, China e Paquistão.

Pereira põe em dúvida esse processo: "Há a tentativa de negociar a paz, mas certamente seria uma paz frágil. O Afeganistão hoje tem um governo oficial sem muita legitimidade diante da população e do Talibã. É muito complicado que se instaure um processo de paz, pois as exigências do Taliban vão contra toda a orientação que a ocupação americana realizou. Seria o retorno das regras da sharia e a participação oficial do Talibã no governo", conclui. O futuro do Afeganistão se parece, cada dia mais, com o passado.

O MILITANTE

Vale tudo na guerra. O Taliban recorre a se disfarçar como o inimigo.



UNIFORME

O Exército talibã é conhecido por não usar um uniforme específico ou insígnias que o identifiquem. Os soldados usam o cirwal, uma calça larga, sobreposta por túnica, turbante e lenço sobre o rosto. Uma tática é usar o uniforme de um opositor morto ou capturado como forma de camuflagem.

ARMAS

Principalmente o invencível AK-47, combinado com o também clássico lança-foguetes RPG 7 soviético.

TREINAMENTO

Usam campos isolados ao longo da fronteira entre Afeganistão e Paquistão, e doutrinação religiosa nas madrassas.

MODOS

OPERANDI

Táticas de guerra para atacar em múltiplas frentes, justamente para distrair a atenção das forças afegãs e, com essa estratégia, aumentar o número de ataques pelo país. O Talibã busca sobrecarregar as forças de segurança, vencendo pelo cansaço.